

RUSSEL HAMILTON:



"A literatura moçambicana procura novos discursos para novos contextos"

TEXTO DE NELSON SAÛTE

Russel Hamilton esteve em Moçambique em Novembro de 1988. O estudioso americano recebeu-nos no Hotel Polana para uma longa conversa. Foi agradável ouvir a fala pausada, os gestos acautelados, o vocabulário escolhido com rigor no fluir rápido das suas ideias. Russel Hamilton, nosso amigo, depois da conversa, sorriu largamente e deu-nos um abraço. No olhar havia o brilho dos cristais de certas manhãs de sol. E ecoava o rumor do indico a acontecer as nossas margens.

Russel Hamilton tem-se dedicado a reflectir e a escrever sobre literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa e tem lutado para que estas literaturas ocupem um lugar de prestígio dentro das universidades e dos meios literários americanos. Mas as barreiras são enormes. Começam pela língua e desaguam na pouca difusão da actividade literária dos africanos.

O seu interesse pela problemática das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa começa pelo contacto com a língua. Hamilton nasceu numa região dos Estados Unidos onde havia comunidades falantes de português. Tem laços de parentesco com cabo-verdianos. Isto contribuiu para que tivesse consciência de África afirma.

Na universidade cultivou o seu interesse pelas línguas e pelas literaturas. Aprendeu espanhol. Na base de conhecimentos rudimentares de crioulo aprende português. Nos anos posteriores à II Guerra aumenta o interesse pela língua portuguesa, por causa do Brasil, que fora um ponto estratégico durante a invasão do Norte de África e da Itália pelas forças dos aliados.

Em 1960, Hamilton foi ao Brasil por dois anos. Na Bahia escreveu a sua tese de doutoramento sobre o escritor brasileiro Graciliano Ramos. Volta aos Estados Unidos trazendo no ombro a herança da cultura afro-brasileira. Depois do doutoramento começa a leccionar.

O interesse pelos Países Africanos de Língua Portuguesa continua aceso. Russel Hamilton procura informar-se sobre os acontecimentos literários destes países

através do que tinha sido escrito. Conhece Gerald Moser, professor, que divulga nos Estados Unidos a literatura destas Nações.

Quando chegou o ano de sua folga em 1970, o que aconteceu de 7 em 7 anos, viajou para Portugal. Na bagagem levava a esperança de conseguir visto para África e obter livros de autores dos Países de Língua Portuguesa.

— Gerald Moser foi muito generoso e pôs-me em contacto com Manuel Ferreira.

O encontro com Manuel Ferreira permitiu-lhe transpor a barreira da falta de acesso a livros e outras informações:

— Manuel Ferreira foi muito generoso, pôs à disposição a sua biblioteca. Ele tinha uma biblioteca fora de série, tinha tudo o que se tinha publicado sobre esses países.

Em 1971 conseguiu embarcar para África. Em Lisboa havia conhecido Luís Bernardo Honwana, na altura a estudar direito, que lhe dá cartas de apresentação à família, a intelectuais como José Craveirinha, Rui Nogar, Eugénio Lisboa e Rui Knopfli. Esta viagem permitiu ao professor Russel Hamilton colher muitos dados, informações, comprar livros e fazer amigos. Em Angola e Cabo Verde fizera o mesmo.

No ano das independências dos cinco países de Língua Portuguesa, 1975, publica *Vozes do Império* (tradução — o texto é em inglês), livro que resulta desse trabalho de investigação e reflexão sobre literatura. Quando aconteceu o 25 de Abril, o livro estava em 2.ª provas. Hamilton pôde reformular alguns aspectos do prefácio. Hoje o autor de *Vozes do Império* afirma que este trabalho ficou, furtivamente, como História das literaturas desses países, desde os primórdios até às independências.

Em 1978 voltou a África para fazer estudos sobre literatura tendo em vista um novo livro. Foi a Cabo Verde com a família, durante dois meses. Viajou para Guiné-Bissau, onde conheceu Mário Pinto de Andrade. A seguir embarcou para Angola e ficou 8 meses. No itinerário assinalou Moçambique onde permaneceu 2 meses.

Na altura da sua estada em Angola, Luandino Vieira sugeriu que

Russel Hamilton fizesse a revisão de *Vozes do Império* para uma edição em português. O autor optou por escrever um novo livro: *Literatura Africana, Literatura Necessária*. O primeiro volume foi dedicado a Angola que subsidiou a publicação, nas edições 70, para venda no mercado angolano, em 1982.

Dois anos depois publicou o segundo volume dedicado a Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe. Diz Russel Hamilton que tentou actualizar porque havia muita produção nova.

Russel Hamilton pensa que o principal problema para um estudioso estrangeiro é logístico:

— É necessário deslocar-se aos países para se escrever ou fazer uma coisa séria. Há falta de meios adequados para pesquisas; não há bibliotecas com esta literatura, porque ela sempre foi marginal e nunca foi estudada e sistematizada, à excepção de pessoas de muita boa vontade e interessadas não havia prática de levar a cabo estudos sobre essas literaturas.

Os estudiosos que se interessam por História e Ciências Sociais e outros aspectos da cultura africana têm que vir todos os anos para se manterem informados porque as comunicações entre África e América são precárias.

Hamilton:

— Para fazer uma bibliografia das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa é uma tarefa sobre-humana. Moser (que fez uma bibliografia com Manuel Ferreira) o ano passado passou a vida escrevendo cartas. É extremamente difícil para os estudiosos lá fora. Não são acessíveis e os meios são desfavoráveis.

Russel Hamilton tem a vantagem agora de viajar pela Universidade de 2 em 2 anos, o que lhe permite manter-se actualizado.

O NOVO DISCURSO

Russel Hamilton pensa que o processo da revolução gerou um interregno não estático nas letras. A fundação da Associação dos Escritores Moçambicanos quebrou o silêncio estratégico que havia na literatura, pensa Russel Hamilton. Hoje a publicação de novos auto-

res representa, diz o entrevistado, uma nova linha, com a herança do passado que incluía a reivindicação cultural, o protesto social. Esta nova veia traz a linha da reformulação histórica de Moçambique.

Russel Hamilton:

— Tudo isto na própria natureza da literatura que é uma literatura que procura novos discursos para novos contextos sociais e políticos.

Isto no sentido epistemológico, não se esquece de aclarar o professor Hamilton. Em certos artefactos literários já se divisam as marcas do que advoga. Aponta Mía Couto e Ungulani Ba Ka Khosa como exemplos.

É interessante notar que este fenómeno acontece num país que, dentro das fronteiras estabelecidas pelo colonizador, procura criar uma nacionalidade. Hamilton afirma que esta procura de identidade está baseada na reinvenção da História. Diz Russel Hamilton:

— A inteligência africana está sendo reinventada na sua própria terra. A História é uma série de mitos e de lendas.

O estudioso americano afirma que Ualalapi mostra esta atitude de reinvenção histórica, numa espécie de reviravolta que resulta da fragmentação da visão histórica. Faz uma aproximação entre a escrita de Ungulani Ba Ka Khosa e de Gabriel Garcia Marquez. Aponta influências do escritor colombiano sobre o autor de Ualalapi. Um dos aspectos dessa aproximação entre estes dois escritores é o exagero, que resulta da recriação da realidade:

— Eu acho que isto é inevitável e é um sinal muito saudável quanto à maturidade da literatura moçambicana.

Esta recriação da realidade do ponto de vista da inteligência da terra nativa, como diz Russel Hamilton, também acontece na poesia.

— A poesia se presta muito ao elemento emocional ideológico porque a poesia é muito mais emotiva. O elemento de reivindicação cultural encontra saída mais fácil na poesia.

O discurso flui no caudal das ideias:

— Vocês têm uma base para

continuar. Eu vejo nessa linha o Rui de Noronha, apesar de ser um homem da sua própria época, ele não é necessariamente um revolucionário mas reformista, republicano, e é uma forma de resistência cultural. Os sonetos, vejo-os na linha quase epistemológica do movimento dos poetas os que lançam o primeiro assalto à linguagem bem comportada da literatura aculturada.

O José Craveirinha eleva a novas alturas porque ele mais do que a Noémia de Sousa, domina a técnica e a arte da poesia. Ele tem uma exuberância...

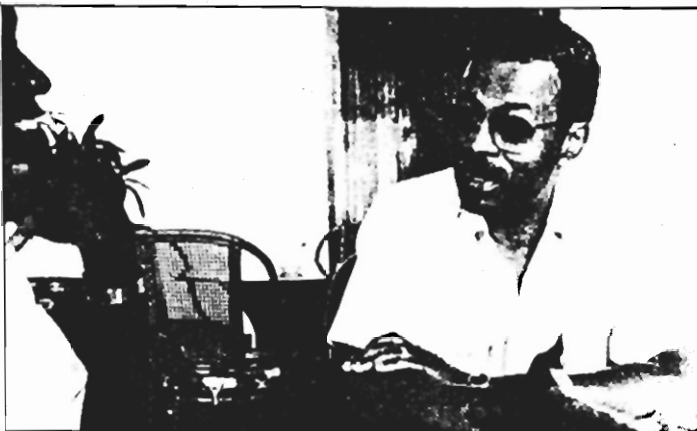
Na linha da reivindicação cultural e racial no sentido mais amplo da palavra ela (Noémia de Sousa) é realmente a pioneira.

Russel Hamilton fala da importância da voz poética de Noémia de Sousa, classificada de balbuciente por alguns críticos, mas, como defende o estudioso americano, extremamente forte, na forma como a poetisa se apropria da língua do colono e a utiliza como meio de reivindicação, de revolta. Hamilton defende que o simbolismo contido na exaltação *Surge et Ambula* (Rui de Noronha tem um poema com esse título) reflecte uma mentalidade liberal e reformista que a África deve-se levantar e andar ombro a ombro com o mundo. Pensa Hamilton que Noémia de Sousa toma isto como grande assalto, não obstante o fôlego muito breve da sua poesia que deixaria influência nas gerações posteriores em Moçambique, Angola, entre outros países.

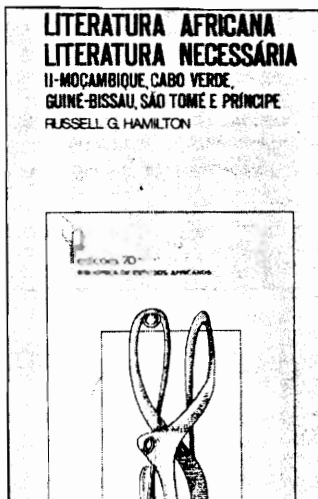
OS CALIBANISTAS

Em 1971, Rui Knopfli e João Pedro Grabato Dias fundam a revista de poesia *Caliban*. A metáfora que traça o simbolismo que os fundadores e orientadores pretendiam, foi recriada da peça *The Tempest* de Shakespeare, onde Próspero, o dominador, ensina a sua língua a Caliban, o dominado, e este usa-a depois como meio para se libertar. Hamilton estava em Moçambique na altura do lançamento do primeiro número de *Caliban*, que viria a ter quatro números.

O poeta Rui Knopfli tinha uma visão universal da literatura e



Hamilton: «José Craveirinha é uma instituição». (Foto de Naita Ussene)



uma vivência moçambicana, o que marcou a orientação da revista, que juntou à volta poetas na sua diversidade mais ampla, entre os de língua portuguesa e os de outras línguas. Pensa Hamilton que a argamassa era a palavra, o poder da palavra, a ponderação da palavra. Isto sublinhado à influência de Jorge de Sena, que por cá passara pouco antes da fundação de *Caliban*. Num dos números da revista foi publicado um poema de Jorge de Sena que se debruça sobre a questão da língua. Hamilton diz que exportação da língua fazia

parte da revista. A filosofia de Sena, então um dos sacerdotes da crítica literária e escritor prolífero, influenciou o feudo euromoçambicano, como chama Russel Hamilton ao grupo que dominava os círculos literários de Lourenço Marques.

Russel Hamilton pensa que *Caliban* foi uma experiência feliz porque reuniu diversos poetas, como José Craveirinha, Rui Knopfli, Rui Nogar, Eugénio Lisboa, Sebastião Alba, Jorge Viegas, Leite de Vasconcelos, Grabato Dias, entre outros. O facto de as autoridades ba-

nirem a revista mostra a sua importância segundo Hamilton. O estudioso diz que uma revista de pouca vida num meio de pouca procura é importante. Caliban deixou o lastro que é retomado nos poetas mais novos deste país. Caliban foi uma contribuição para a moderna poesia moçambicana, afirma o estudioso americano, acrescentando que ela tem o valor do transcurso da História. Russel Hamilton aponta o poeta José Craveirinha e a revista Caliban como as duas grandes forças que servem de herança para a nova poesia moçambicana. O exemplo que se aponta: Luís Carlos Patraquim tem um poema da Monção com o título «Metamorfose» dedicado a José Craveirinha que mostra as marcas evidentes de intertextos com um dos arquitectos, «Lustro a cidade», de Craveirinha. O discurso onírico dessa poética é uma contribuição para a moderna poesia moçambicana.

— Craveirinha é uma instituição que permanece mais do que qualquer outro poeta.

NO CURSO DA CHARRUA

Em 1984, um grupo de poetas e escritores da nova geração funda a revista Charrua. Esta publicação acontece depois de um silêncio estratégico. Russel Hamilton estabelece uma analogia com o fenó-

meno angolano. Em Angola foi fundada a União dos Escritores e depois criada a revista Lavra e Oficina. Os símbolos contidos nas publicações Charrua e Lavra e Oficina mostram a fidelidade a uma linha ideológica do movimento popular. As metáforas convocam o proletariado e o campesinato — símbolos agrícolas em ambos os títulos.

A Charrua mostra que conseguiu a dominação dos meios literários, o que nos anos 60-70 dependia do grupo que Hamilton chama euromoçambicano, à excepção de Craveirinha que era independente.

Russel Hamilton observa que a crítica é essencial. Tem que haver uma crítica dominada por pessoas conceituadas numa publicação regular e virada para a área da reflexão sobre a literatura. Diz o professor entrevistado que começa a haver tentativas de se fazer crítica em Moçambique. Aponta, como exemplo, as críticas que a Gazeta tem publicado nas páginas da revista «Tempo».

A NACIONALIDADE

A problemática da identidade dos Países Africanos de Língua Portuguesa volta à conversa. Hamilton afirma que depois da as-

cenção às independências estes países tentam criar as Nações a partir de diversidades etno-linguísticas. O entrevistado entende que a fase da formação da Nação como entidade política, geográfica, foi rápida. A grande luta agora é forjar uma nacionalidade em pouco tempo. O professor Hamilton fala dos slogans que sugerem essa necessidade tanto em Moçambique como em Angola.

Outra vez fala da influência dos mitos sobre a realidade. Diz que é por isso que os africanos estão a criar novas lendas, na tentativa de integrar o território nacional ao novo nível emocional-ideológico.

— Não é fácil. Os dirigentes sabem disso. Acho que Machel se não sabia disto aprendeu rapidamente.

Fala o entrevistado da visão ampla do mundo como factor necessário na produção cultural. E ainda da tensão entre o que é africano, o que não deve ser preservado do passado tradicional e o que são as necessidades da Nação em formação.

— É por isso que eu digo que «Ualalapi» apresenta esse conflito. O conto que fala de Manua mostra a fragmentação e a procura de integração histórica.

A língua é um instrumento importante na formação da Nação. A Língua Portuguesa vai servir de meio no sentido da metáfora e da simbologia de Caliban que se apropria da língua e a usa para a liberdade. («Já que me ensinaste a língua agora a minha função é atrair-te aos dentes», Hamilton cita de cor o Caliban).

Aqui há um facto curioso. As palavras de ordem são sempre em português. Conta Russel Hamilton que ouvia um dia uma emissão numa língua angolana, em Angola, quando deram palavras de ordem em português.

(A conversa foi longa mas fica aqui burilado o essencial).

«A grande luta dos países africanos é forjar uma nacionalidade».
(Foto de Naita Ussane)

